

## **Princesas *Disney*: a representação da mulher nos filmes de animação<sup>1</sup>**

Tuany de Menezes OLIVEIRA<sup>2</sup>  
Luís Paulo de Carvalho PIASSI<sup>3</sup>  
Universidade de São Paulo, São Paulo, SP

### **Resumo**

Walt Disney conquistou prestígio e sucesso sendo precursor na produção de animações de longa-metragem destinadas principalmente ao público infantil. Essas animações deram visibilidade a um tipo específico de personagem: as princesas, que já há algum tempo recebem diversas críticas por consolidarem determinados estereótipos em relação à mulher. Neste trabalho, pretendemos refletir sobre a representação da mulher nos filmes de animação *Disney* que possuem princesas como protagonistas.

**Palavras-chave:** Disney; animação; princesas; cinema; gênero.

### **Introdução**

Segundo o filósofo norte-americano Douglas Kellner (2001), há certa cultura veiculada pela mídia que domina nosso tempo de lazer, modela opiniões e comportamentos e fornece o material que as pessoas usam para fabricar sua identidade. O rádio, a televisão, o cinema e outros produtos da chamada Indústria Cultural oferecem o modelo do que significa ser homem e mulher, oferecem o material com o qual muitas pessoas constroem seu senso de classes, etnias, nacionalidade e até sexualidade, contribui para modelar a principal visão que as pessoas têm do mundo e os valores mais arraigados. Desta forma, eles definem o que é bom, mal, certo ou errado.

Walt Disney conquistou prestígio e sucesso sendo precursor na produção de animações de longa-metragem. Parte considerável de suas animações são adaptações de contos de fada ou estórias fantásticas. Essas animações deram visibilidade a um tipo específico de personagem: as princesas. O primeiro longa-metragem de animação produzido pela *Disney* foi “Branca de Neve e os Sete Anões” em 1937. Segundo Booker (2010), podemos argumentar que este foi o primeiro filme genuinamente infantil produzido

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no GP Cinema do XV Encontro dos Grupos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do XXXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>2</sup> Mestranda em Estudos Culturais da EACH-USP, email: [tuany.oliveira@usp.br](mailto:tuany.oliveira@usp.br)

<sup>3</sup> Professor do Programa de Pós-Graduação em Estudos Culturais da EACH-USP, email: [ippiassi@usp.br](mailto:ippiassi@usp.br)

e também um divisor de águas que estabeleceria muitas das convenções que dominariam por décadas os filmes infantis.

Atualmente, o grupo das princesas *Disney* é composto por onze membros: Branca de Neve, Cinderela, Aurora, Ariel, Bela, Jasmine, Pocahontas, Mulan, Tiana, Rapunzel e Merida. Neste trabalho, pretendemos refletir sobre a representação da mulher nos filmes de animação *Disney* protagonizados pelas princesas. A análise foi dividida em duas partes. Na primeira parte iremos analisar as princesas do grupo ao qual chamamos de princesas clássicas (até o fim da década de 90) e na segunda parte iremos analisar as princesas do grupo ao qual chamamos de novas princesas (a partir dos anos 2000). Mulan, apesar de ser um filme de 1998, será analisado, excepcionalmente, no grupo das novas princesas, por simbolizar uma ruptura.

### **As princesas clássicas**

Branca de Neve é a primeira e principal representante das princesas clássicas *Disney*. Tem como principal virtude sua beleza e, por essa razão, é odiada por sua madrasta malvada que pede que um caçador a mate. Durante várias cenas do filme vemos Branca exercendo trabalhos domésticos: limpando, lavando e cozinhando, sempre cantando feliz e satisfeita, além disso, ela é indefesa, ingênua e passiva, ficando apenas a espera de ser salva por seu príncipe encantado. Seu final feliz é voltar ao seu status de nobreza ficando ao lado do príncipe. No final do filme não há casamento, porém este fica implícito.

De acordo com Coca (2000),

a aparência física é mais enfatizada nas personagens femininas, assim como mais valorizada que o seu intelecto ou suas habilidades. A construção da feminilidade é feita a partir de um padrão masculino, que aprecia a obediência e a beleza. O primeiro longa-metragem *Disney*, *Branca de Neve e os sete anões*, transmite a mensagem que a beleza de uma mulher é seu recurso mais valioso, mas também fonte de inveja e descontentamento (p. 13, tradução nossa).

As princesas que vieram após Branca de Neve, e que hoje são conhecidas pelo público como princesas clássicas, não se diferem muito de sua antecessora. “Cinderela”, de 1950, também mostra uma princesa modelo da serviçal doméstica. Totalmente submissa, serve como escrava para sua madrasta e suas filhas, sem reclamar ou se revoltar. Sendo a mais bela do baile conquista o príncipe encantado, com quem se casa (neste caso o casamento é realizado de fato) e vive feliz para sempre. Outra característica que podemos

apontar nas princesas é a de, muitas vezes, se apaixonarem por homens que acabaram de conhecer.

Segundo Coca (2000), o fato de as personagens *Disney* se apaixonarem a primeira vista, no primeiro encontro, e rapidamente decidirem se casar conhecendo muito pouco sobre seu parceiro reforça ainda mais a importância da aparência e beleza feminina que os filmes *Disney* pregam. Para a autora, este efeito de se apaixonar apenas com uma troca de olhares e uma canção torna-se menos presente nos filmes posteriores, como “A Bela e a Fera”, “Pocahontas” ou “Mulan”, em que os casais levam mais do que alguns minutos para caírem de amor.

Após o sucesso de “Cinderela”, o próximo filme *Disney* com uma princesa, “A Bela Adormecida”, seria lançado em 1959. Aurora talvez seja a mais passiva das princesas *Disney*, como o próprio nome do filme afirma, ela é uma garota bonita e inerte. Quando criança é amaldiçoada para que em seu aniversário de dezesseis anos espete o dedo em uma roca e caia em sono profundo. Vive então na floresta com as Fadas Madrinhas, para quem faz serviços domésticos, visto que as fadas pouca habilidade têm para isso.

Em “A Bela Adormecida” (1959), há uma cena interessante que ilustra a diferença de representação entre homens e mulheres. Quando se conhecem no bosque Aurora e o príncipe Philip, apaixonam-se a primeira vista, sem saber que seu casamento já estava arranjado. Philip conta ao pai que conheceu uma bela mulher no bosque e não vai mais se casar com sua prometida, e sim com essa camponesa. O pai de Philip, desesperado, diz ao filho que ele não pode fazer isso, ao que Philip responde: “Ah Papai! Não viva no passado! Esse é o século XIV [...]”. Seu pai simplesmente aceita o fato. Aurora também conta às fadas madrinhas que vai casar-se com o rapaz que conheceu no bosque, as fadas dizem que isso não seria possível, visto que seu casamento já estava arranjado. Aurora corre para o quarto e chora, sem maiores discussões.

Segundo Pachá (2013), um dos argumentos que muitos utilizam para justificar o conservadorismo expresso nos filmes *Disney* é que as escolhas e opções desta grande corporação não seriam responsabilidade dela, mas sim uma representação do compromisso dela com a “fidelidade histórica”. Contudo, para o autor, não há nada mais absurdo do que pedir fidelidade histórica às produções artísticas, que antes de qualquer coisa deveriam servir como espaço de experimentação. Essa cena, acima citada, mostra claramente que a própria *Disney* caça desse tipo de requisição.

Em outras palavras, porque esse suposto compromisso com a "fidelidade histórica" se expressa somente no que tem de mais retrógrado e conservador como, por exemplo, o papel subalterno das mulheres? Justamente porque são esses aspectos que dispõem de grande relevância social para a nossa própria sociedade, que formatam nossas visões de mundo e nossa forma de agir (PACHÁ, 2013).

Os filmes que vieram a seguir também mantêm essas características, porém em alguns casos de forma mais sutil. Em grande parte desses filmes, as princesas *Disney* são aparentemente mais transgressoras dos antigos costumes. Em 1989, a *Disney* lança o filme "A Pequena Sereia", que tem como protagonista mais uma de suas princesas. Ariel é uma sereia curiosa que sonha em conhecer o mundo dos humanos. Desafia seu pai e seu reino fazendo visitas à superfície terrestre. Conhece e se apaixona pelo príncipe Eric, com quem sonha em se casar.

Diferentemente das outras princesas apresentadas, Ariel não aparece realizando serviços domésticos, isso pode ser explicado pelo fato de que, também diferentemente de suas antecessoras, ela não perde em momento algum sua condição de nobreza. Ao contrário das outras princesas apresentadas, Ariel não aceita tudo o que lhe é imposto e não age de forma passiva quando alguma regra lhe é ditada. Isso pode nos fazer crer que "A Pequena Sereia" representaria uma ruptura na representação da mulher como subalterna.

Não obstante, para que possa ficar com o príncipe Eric, Ariel troca sua voz por pernas humanas. Quando questionada sobre como iria conquistar o príncipe sem sua voz, a vilã Úrsula canta-lhe uma canção que diz:

Terá sua aparência, seu belo rosto e não subestime a importância da linguagem do corpo/  
O homem abomina tagarelas/  
Garota caladinha ele adora/  
Se a mulher ficar falando o dia inteiro e fofocando/  
O homem se zanga, diz adeus e vai embora/  
Não vá querer jogar conversa fora/  
Que os homens fazem tudo pra evitar/  
Sabe quem é mais querida?/  
É a garota retraída/  
E só as bem quietinhas vão casar [...] (A Pequena Sereia, 1989).

Essa canção nos mostra que o longa-metragem "A Pequena Sereia" apenas aparenta representar a mulher de forma diferente, quando na verdade pouco se diferencia de seus antecessores. No final do filme, Ariel conquista o Príncipe Eric e casa-se com ele, com quem vive seu final para sempre feliz. Segundo Giroux (1995), para quem Ariel é uma mistura de uma típica adolescente rebelde com uma modelo do sul da Califórnia, desenhada como uma debilitada e anoréxica Barbie, "embora fiquem extremamente deliciasadas com a rebeldia adolescente de Ariel, as crianças são levadas a crer que no final, desejo, escolha e cessão de poder estão proximamente ligados a agarrar e amar um belo homem" (p. 97).

Em 1991, a *Disney* lança o clássico “A Bela e a Fera”, primeiro filme de animação a concorrer ao Oscar na categoria de melhor filme. Sua protagonista, Bela, é uma garota julgada pelas pessoas de sua comunidade por ser inteligente e uma amante dos livros. Quando descobre que seu pai foi aprisionado pela Fera (na verdade um príncipe que foi enfeitado), Bela se oferece como prisioneira em seu lugar. No decorrer do tempo, a Fera e Bela acabam se aproximando e se apaixonando, e quando Bela declara-se a Fera, esta volta a sua forma de príncipe. É interessante notar que, este foi o primeiro filme, entre os já mencionados, em que príncipe e princesa não se apaixonaram a primeira vista.

Por algumas características, Bela pode parecer diferente das outras princesas, contudo o desfecho do filme faz com que ele seja apenas mais um entre os filmes de princesas *Disney*. Bela tem como principal objetivo fugir da cidade pequena, progredir na vida, de fato ela consegue alcançar o que almeja, porém através do seu envolvimento com a Fera que se torna príncipe, mostrando mais uma vez que só um homem pode te salvar de levar uma vida degradante. Além disso, Bela salva o príncipe não usando sua inteligência, mas sim sua beleza, sua sexualidade, reforçando a ideia de que a beleza é o principal recurso que uma mulher possui.

Towbin *et al.* (2004) afirmam que,

talvez a mensagem mais insidiosa sobre a sexualidade é a retratada em A Bela e a Fera. A Fera aprisiona Bela, separa ela de seu pai, se enfurece com ela várias vezes e se recusa a alimentá-la a menos que ela coma com ele. No entanto, eventualmente, o amor de Bela transforma a Fera em um príncipe. Dada a prevalência de violência doméstica nos Estados Unidos, essa mensagem é alarmante. De A Bela e a Fera, as crianças aprendem que é aceitável para os homens abusarem de mulheres. Elas aprendem que se uma mulher tolerar o abuso e continuar amando o homem apesar disso, ela será eventualmente capaz de transformar ele em um amoroso parceiro (p. 36, tradução nossa).

De acordo com Booker (2010), o período entre 1967 e 1989 foi marcado por uma seca na produção de filmes *Disney*, que só terminou em 89 com “A Pequena Sereia”, que anunciaria o começo de uma nova série de animações de sucesso que ressuscitariam diversos motivos dos anos 50, incluindo os sexistas e racistas, em um jogo marcado pela nostalgia. Para a autora, a *Disney* faz da nostalgia sua marca de autenticidade, o que implica que seus primeiros filmes sejam simbolicamente considerados clássicos, autênticos, enquanto os filmes seguintes sejam considerados pastiches pós-modernos dos anteriores. Esse argumento reforça ainda mais a ideia de que, apesar de parecerem diferentes entre si, os filmes até aqui mencionados fazem parte de um grupo ainda homogêneo.

Um ano depois de “A Bela e a Fera”, a *Disney* lançou mais uma de suas princesas, que diferentemente das outras, não dá nome ao filme. Jasmine, assim como Ariel, não aceita de forma passiva as regras impostas pelo pai. Quando recebe a notícia que terá que escolher um pretendente (entre os já selecionados pelo pai) para se casar quando completar dezesseis anos, Jasmine foge disfarçada do castelo, situação em que conhece Aladin, que a salva durante uma confusão. Depois de um tempo próximos, eles acabam apaixonando-se e, após muitas idas e vindas, ficam juntos ao final do filme, quando o sultão muda a lei do casamento de seu país possibilitando que Jasmine case com quem ela considera digno.

O Teste de Bechdel, que recebe esse nome em homenagem a cartunista Alison Bechdel, propõem três perguntas que nos ajudariam a avaliar se há preconceito de gênero em um filme: (1) tem pelo menos duas mulheres, (2) elas conversam uma com a outra, (3) sobre algo que não seja um homem? É interessante notar que avaliando os filmes protagonizados pelas onze princesas oficiais *Disney* (Branca de Neve, Cinderela, Aurora, Ariel, Bela, Jasmine, Pocahontas, Mulan, Tiana, Rapunzel e Merida), surpreendentemente o único que não passa no teste é Aladdin. O que ocorre exatamente por Jasmine ser a única mulher com falas no filme (COLMAN, 2014).

A próxima princesa *Disney* a surgir, em 1995, é “Pocahontas” e, segundo os produtores, seu filme seria baseado em uma história real, sendo também Pocahontas a primeira princesa *Disney* americana. Na trama, Pocahontas é a filha do chefe de sua tribo, uma jovem corajosa e aventureira. Quando um navio de colonos britânicos aporta em sua terra, Pocahontas conhece o capitão John Smith, por quem se apaixona. Quando sua tribo captura Smith para matá-lo, Pocahontas intervém, salvando a vida do capitão e dando fim a guerra. No final, não há casamento e nem o típico final feliz *Disney*, apenas uma promessa de que talvez um dia eles possam ficar juntos.

Pocahontas parece um filme que representa a mulher de forma mais satisfatória, e até certo ponto é, porém uma questão deve ser levada em consideração, a aparência física da personagem ainda reforça determinado estereótipo. Segundo Coca (2000), as personagens *Disney* de culturas e etnias diferentes têm seus traços exóticos estereotipados. Jasmine e Pocahontas têm roupas que cobrem pouco do seu corpo, cinturas mais finas e olhos maiores, se comparadas com as princesas de origem europeia.

Além disso, segundo Dundes (2001), “Pocahontas” traz mensagens conflitantes sobre gênero, principalmente se analisarmos mais profundamente seu desfecho. Se por um lado Pocahontas é representada como uma jovem forte e corajosa, por outro lado sua

decisão final de permanecer com sua tribo mostra uma jovem que segue os estereótipos do que é ser mulher. Pocahontas resolve ficar na tribo, não por que assim deseja, mas como ela mesma diz, por que ela é necessária em casa (Pocahontas, 1995). Para a autora, se Pocahontas fosse retratada ficando em casa por opção ou até assumindo um papel de liderança na comunidade, o filme transmitiria uma intensa mensagem feminista.

Outro final aceitável poderia ter sido vermos Pocahontas navegando no por do sol com John Smith não somente porque ela o ama, mas também por causa de um desejo ardente por explorar novos mundos ou para servir como um tipo de embaixadora representando seu povo (DUNDES, 2001, p. 361, tradução nossa).

### **As novas princesas**

Em 1998, surge a princesa *Disney* que, supostamente, mais simbolizaria uma ruptura na sub-representação da mulher nas animações desta empresa. Pouco habilidosa com os serviços domésticos, Mulan também não compreende a necessidade de haver tanta preocupação estética em relação à mulher. Veste-se como homem e apresenta-se ao exército, substituindo seu pai que já está velho de mais para lutar. Mesmo fisicamente mais fraca que os homens, Mulan usa a inteligência para vencer a guerra e salvar a todos. Mulan também rompe com a convenção no que concerne ao casamento, neste filme não há príncipe, nem casamento (ainda que haja um par romântico).

Após a princesa guerreira salvar o exército, o seu povo e o Imperador da China, este oferece a ela um cargo como membro do conselho imperial, contudo Mulan recusa a proposta e retorna para sua casa, com o colar imperial e a espada de Shan Yu, e reconcilia-se com seu pai. De acordo com Coca (2000), apesar de terem um começo promissor, tanto Mulan como Pocahontas permanecem ao final em seus ambientes domésticos. Para a autora, "a devoção das personagens femininas pelas suas famílias e pelos seus entes queridos é por vezes um revés na exigência por sua própria independência" (p. 11, tradução nossa).

Em 2000, dois anos depois da estreia de Mulan, a *Disney* lança oficialmente a franquia de mídia, que havia sido criada no fim da década de 1990, *Disney Princess*. Desde sua criação as personagens participantes da franquia têm variado. Atualmente são onze: Branca de Neve, Cinderela, Aurora, Ariel, Bela, Jasmine, Pocahontas, Mulan e, adicionadas posteriormente, Tiana, Rapunzel e Merida. A franquia gera milhões com a venda de produtos licenciados das princesas, como fantasias, roupas, bonecas, acessórios, jogos



eletrônicos, entre outros. Foi criada por Andy Mooney, que teria percebido que diversas meninas utilizavam fantasias das princesas que não eram produtos oficiais *Disney*, e sim produtos vendidos e produzidos por lojas de fantasia.

O sucesso da franquia nos leva a outra discussão interessante: consumo. As garotas desejam ter os produtos vendidos pela franquia para que possam sentir-se parte do mundo das princesas e são o tempo todo estimuladas a isso. Muitas meninas e meninos, atualmente, nunca assistiram ao filme “Branca de Neve e os sete anões” de 1937, não obstante conhecem a personagem graças aos milhares de produtos com a temática dessa princesa. Os filmes geram apenas uma parcela do lucro da corporação, outra parcela do lucro é gerada pela venda de produtos relacionados aos filmes. E o alcance global das princesas se deve não apenas pelos filmes, mas também por todos esses produtos comercializados.

O próximo filme lançado protagonizado por uma princesa *Disney* foi “A Princesa e o Sapo”, em 2009. Tiana, a primeira e única princesa negra da *Disney*, é uma garota que vive em Nova Orleans e sonha em abrir seu próprio restaurante. Para realizar seu sonho ela trabalha arduamente como garçomete e junta todo dinheiro que recebe. Quando encontra o príncipe transformado em sapo, ela o beija, a pedido do mesmo, na tentativa de que ele volte a ser um príncipe, porém ela que se transforma em sapo. Os dois então iniciam uma jornada para descobrir como reverter o feitiço. Eles se apaixonam e o feitiço é revertido quando eles se casam e se beijam. Ela então realiza seu sonho e abre um restaurante.

Podemos dizer que,

Tiana nos remete novamente a caracterização de trabalhadora e subalterna, uma vez que o fato de ser trabalhadora (aqui como algo positivado, como meio de ascensão social) e subalterna são as características mais enfatizadas na apresentação da personagem. São estas características que fornecem o contraste tanto com sua amiga de infância quanto com o Príncipe (ricos e não trabalhadores) (PACHÁ, 2014).

Segundo Pachá (2014), “A Princesa e o Sapo” é o filme mais tradicional do conjunto das chamadas “novas princesas” (Mulan, Tiana, Rapunzel e Merida). Para o autor, o casamento é um componente fundamental para o desdobramento e efetiva solução da trama, já que Tiana recupera sua forma humana apenas por meio dele. Desta forma, podemos dizer que, após uma tentativa de ruptura com Mulan, a *Disney* resgata a fórmula tradicional dos filmes precedentes, quando a franquia das princesas prova-se extremamente lucrativa.



Essa tentativa de resgate ocorre também em “Enrolados”, filme lançado em 2010. O filme conta a história de Rapunzel, uma garota trancada em uma torre por uma bruxa que precisa dos poderes mágicos de seus longos cabelos para manter-se jovem. Rapunzel não sabe que é uma princesa, acreditando que a bruxa é sua verdadeira mãe. A bruxa diz à garota que ela não pode sair da torre, pois o mundo lá fora é perigoso demais, mas Rapunzel sonha em conhecê-lo mesmo assim. Quando um bandido entra na torre para se esconder dos guardas, ela vê uma oportunidade de sair da torre e pede ajuda ao rapaz. Depois de muitas aventuras eles apaixonam-se, Rapunzel descobre ser uma princesa e eles se casam, vivendo felizes para sempre.

Assim como a maioria de suas antecessoras, Rapunzel perde sua posição de nobreza e, por essa razão, é obrigada a realizar trabalhos domésticos, porém, diferentemente delas, não se casa com um príncipe, e sim com um homem simples. Ainda assim, o casamento também está presente no desfecho do filme, corroborando a ideia de que só com o casamento a mulher encontrará seu final feliz. Em Rapunzel vemos também presente o mesmo padrão de beleza das outras princesas, que envolve magreza, cabelos impecáveis, juventude e delicadeza, apesar dela defender-se sozinha em algumas situações.

Em 2012, a *Pixar/Disney* lança “Valente”, filme protagonizado pela última princesa membro da franquia *Disney Princess*. “Valente” é caracterizada por ser a primeira animação *Pixar* protagonizada por uma mulher. Merida é uma habilidosa arqueira, filha do rei e da rainha, que não aceita se casar com o pretendente escolhido pelos pais, pois quer trilhar seu próprio destino. Sua mãe tenta lhe ensinar como se portar como uma princesa, porém isso entendia Merida, que sonha em ser livre. Suas ações acabam levando seu reino ao caos e uma maldição é lançada por uma bruxa para quem Merida pede ajuda. Após vários acontecimentos, Merida quebra a maldição e ordena o reino novamente.

De fato, Merida tem diversas características que a diferem das outras princesas, por exemplo, ela é a primeira a ter cabelos cacheados. Além disso, apenas Merida e Mulan sabem lutar. Por não perder sua posição aristocrática, também não aparece realizando serviços domésticos, apesar de aparecer costurando. E diferente de suas predecessoras, sua história gira em torno dela e de sua mãe, não há príncipe ou par romântico em potencial. É interessante notar também que, entre as onze princesas oficiais, apenas Aurora, Mulan, Tiana, Rapunzel e Merida têm uma mãe viva.

Ainda assim, alguns estereótipos ainda são mantidos, por exemplo, mesmo lutando e gostando de cavalgar livremente, Merida não aparece em nenhum momento usando calças,

apenas vestido, característica essa bem presente entre as princesas *Disney*, visto que as únicas que aparecem usando calças são Mulan e Jasmine. Merida, assim como as outras princesas, tem a pele clara, é magra, bela e jovem. Cabe frisar que, entre as princesas oficiais *Disney*, seis delas têm entre catorze e dezesseis anos, enquanto as outras cinco têm entre dezessete e dezenove anos. Além disso,

em *Valente*, ainda que o casamento como elemento central da trama seja utilizado de maneira bastante original (como recusa da protagonista) e, de fato, não ocorra durante o filme, a personagem parece se satisfazer com um desfecho que apenas o adia. A ideia de casamento é confrontada, mas jamais negada (PACHÁ, 2014).

Outro fato relevante que deve ser observado é que “*Valente*” é o único filme entre os filmes das princesas oficiais que foi co-dirigido por uma mulher. Todos os outros filmes citados têm direção exclusivamente masculina. Ou seja, assim como nas versões literárias mais famosas dos contos, essas adaptações cinematográficas também apresentam uma visão do homem sobre a mulher. Brenda Chapman escreveu o roteiro do filme e foi nomeada diretora, não obstante por divergências criativas foi substituída por Mark Andrews. Em uma carta aberta para o “*New York Times*” após sua substituição, a diretora afirma que,

às vezes as mulheres expressam uma ideia e são reprimidas, apenas para que um homem expresse essencialmente a mesma ideia e tenha ela amplamente abraçada. Até que haja um número suficiente de mulheres executivas em cargos altos, isso vai continuar a acontecer (CHAPMAN, 2012, tradução nossa).

Outro importante fato em relação à representação feminina nas adaptações *Disney* é que, como afirma Coca (2000), apesar de mulheres serem protagonistas dos filmes, numericamente personagens femininas estão sub-representadas. Ou seja, segundo a autora, as personagens femininas da *Disney* vivem em mundos masculinos, desde Branca de Neve morando com os sete anões, até Pocahontas e Mulan (personagens que destoam do conjunto) estando cercadas por grupos armados de homens. Além disso, os ajudantes das personagens femininas são constantemente masculinos, como os sete anões, o Sebastian, o gênio, o Lumiere, o Meeko, o Mushu, o Pascal, entre outros.

O que podemos concluir em relação aos filmes citados neste capítulo é que, como afirmam Towbin *et al.* (2004), eles transmitem tanto mensagens positivas como mensagens limitadas sobre gênero. “Atos de bravura ou independência por parte de uma personagem feminina são muitas vezes seguidos por uma virada na trama que a coloca em uma posição

de inferioridade em relação a um homem” (p. 37-38, tradução nossa). Para os autores, um dos aspectos mais alarmantes dos filmes *Disney* é a forma como as histórias são por eles reinterpretadas e reescritas de formas imprecisas para que se encaixem no paradigma dominante da sociedade, independente da moral original da história.

Ao final de três artigos em que analisa as princesas clássicas e as “novas princesas”, o historiador Paulo Pachá conclui que os resultados são ambíguos, apesar de terem ocorrido mudanças, elementos tradicionais permanecem no cerne dos filmes mais recentes. Segundo o autor, as princesas mudam, pois os produtos culturais são historicamente determinados e as novas princesas precisam dialogar com uma audiência que também se transformou e ao mesmo tempo permanecem as mesmas, pelo mesma razão, “as ‘Novas Princesas’ são fruto de uma sociedade que reconhece cada vez mais a liberdade das mulheres, mas, ao mesmo tempo, permanece discriminando, prendendo e matando essas mesmas mulheres” (PACHÁ, 2014).

O mais atual filme de animação *Disney* protagonizado por uma princesa é “Frozen”, de 2013. A irmã de Anna, Elsa, nasceu com poderes mágicos que fazem com que ela seja capaz de criar gelo e neve. Em virtude de um acidente quando crianças, os pais decidem afastar Elsa da irmã e do restante do reino, fechando as portas do castelo. Alguns anos após a morte dos pais em um acidente, Elsa precisa assumir o posto de rainha. Durante sua coroação, após uma explosão emocional causada por uma briga com Anna, seus poderes são revelados assustando a todos e fazendo com que Elsa fuja para viver isolada, deixando o reino congelado. A princesa Anna embarca então em uma aventura na tentativa de reconciliar-se com a irmã e trazê-la de volta para acabar com o inverno de Arendelle.

No desfecho do filme, é o amor entre as irmãs que salva a vida de Anna e o reino, e não o beijo do amor verdadeiro dado por um príncipe. Por essa razão, o filme recebeu diversas críticas positivas, inclusive de feministas, afirmando que o amor entre mulheres começa a despontar nos filmes *Disney* (ARRAES, 2014) e que “Frozen” desconstrói os estereótipos de amor difundidos por filmes de princesa, sendo uma pequena vitória do feminismo (BIANCHINI, 2014). Críticas que, em parte são válidas, mas que por outro lado apresentam uma análise demasiadamente otimista dessa animação. “Frozen” é um filme diferente de seus antecessores, contudo, assim como “Mulan”, “Pocahontas” e “Valente”, mistura transgressão e conservadorismo e não pode ser considerado como uma vitória do feminismo.

O filme se mostra transgressor em algumas cenas, como a cena em que Anna acorda toda bagunçada, ou no trecho da música em que ela diz “não sei se são emoções ou se são gases” (Frozen, 2013), ou quando Anna demonstra não ter medo dos poderes da irmã Elsa e deixa o príncipe Hans cuidando do reino, enquanto ela sozinha vai atrás da irmã fugitiva. Anna é sem dúvida uma princesa que se difere de princesas como Branca de Neve ou Aurora, pois foi pensada para dialogar com as crianças e os jovens de hoje, não obstante ela ainda conserva características das primeiras princesas *Disney*.

A aparência de Anna, por exemplo, é um dos problemas encontrados no filme em relação à representação da mulher, assim como em todos os outros filmes acima citados. Podemos dizer que,

(...) tanto Elsa como Anna têm proporções que fariam a Barbie parecer robusta: cinturas finas, nenhum quadril, pernas longas, braços magros, seios grandes, pés pequenos e olhos três vezes maiores que dos personagens masculinos. (...) Usar esses olhos grandes como padrão em personagens femininas supostamente realistas reduz a individualidade das personagens e transmite a mensagem: para ser uma princesa, você não deve apenas ser corajosa, mas ter uma inatingível marca específica de beleza. Nenhum desvio da fórmula é permitido (SMITH, 2013, tradução nossa).

Em 2014, Mayim Bialik publicou em seu blog uma resenha sobre Frozen, na qual argumenta que, ao contrário do que muitos afirmam, o enredo do filme não se baseia no relacionamento entre irmãs. Para a atriz, a busca por um homem ainda é o enredo principal desta animação. Este argumento se confirma se considerarmos que todos os problemas começam quando a princesa Anna decide casar-se com o príncipe Hans (que ela acabou de conhecer) e Elsa se recusa a dar sua benção. No final do filme, ainda que não haja casamento entre Anna e Cristoff (seu novo interesse amoroso depois que Hans se revela um vilão), este fica implícito. Elsa não possui um par romântico, pois ela é na verdade a antagonista do filme (COLMAN, 2014), que apesar de conseguir sua redenção, assim como toda vilã, não tem um "final feliz" (que seria encontrar o amor de um homem).

“Frozen” foi um sucesso de bilheteria arrecadando mais de um bilhão de dólares e vencedor do Oscar de melhor filme de animação e de melhor canção original por “*Let it go*” (BOX OFFICE MOJO), mostrando mais uma vez a importância que esses filmes possuem atualmente. Anna ainda não foi incorporada à franquia das princesas, porém é esperado que isso ocorra futuramente. Outro ponto interessante a se notar é que a direção do filme é de Jennifer Lee e Chris Buck. Lee é a primeira mulher a dirigir um longa-metragem de

animação produzido pela *Walt Disney* e também a primeira mulher a roteirizar sozinha uma animação do estúdio desde “A Bela e a Fera” (roteiro de Linda Woolverton), mostrando novamente a dominação masculina existente na direção e roteirização desses filmes.

## Conclusão

Resumindo esta breve análise das princesas Disney no cinema, podemos destacar alguns pontos comuns e que se repetem: padrões de beleza inalcançáveis e a beleza como maior virtude de uma mulher, sendo a juventude fundamental para ser bela; a predominância de mulheres brancas e europeias (maior sexualização de mulheres de outras etnias); a heteronormatividade; a associação entre virgindade e bondade, sexualidade ativa e vilania; vestimentas inadequadas para determinadas aventuras (vestido, salto alto); o casamento ou o amor de um homem como única garantia de um final feliz; a caracterização como trabalhadora e subalterna (quando perdem o status de nobreza); a devoção por seus parentes e familiares (permanência da mulher dentro do lar) e a valorização da obediência e da ingenuidade; além da sub-representação feminina em quantidade.

## Referências

A BELA ADORMECIDA (*Sleeping Beauty*). Direção: Les Clark, Eric Larson e Wolfgang Reitherman. Produção: Walt Disney. Estados Unidos: Walt Disney, 1959. DVD 75 min. Son. Color.

A BELA E A FERA (*Beauty and the Beast*). Direção: Gary Trousdale e Kirk Wise. Produção: Don Hahn. Estados Unidos: Walt Disney, 1991. DVD 84 min. Son. Color.

A PEQUENA SEREIA (*The Little Mermaid*). Direção: Ron Clements e John Musker. Produção: John Musker e Howard Ashman. Estados Unidos: Walt Disney, 1989. DVD 83 min. Son. Color.

A PRINCESA E O SAPO (*The Princess and the Frog*). Direção: Ron Clements e John Musker. Produção: Peter Del Vecho. Estados Unidos: Walt Disney, 2009. DVD 98 min. Son. Color.

ALADDIN. Direção: Ron Clements e John Musker. Produção: Ron Clements e John Musker. Estados Unidos: Walt Disney, 1992. DVD 90 min. Son. Color.

ARRAES, Jarid. **Malévola, Frozen e Valente: o amor entre mulheres começa a despontar.** Portal da Revista Fórum, Questão de Gênero, 2014. Disponível em:

<<http://www.revistaforum.com.br/questao Degenero/2014/06/03/malevola-frozen-e-valente-o-amor-entre-mulheres-comeca-despontar/>>. Acesso em: 2015-02-01.

BIALIK, Mayim. **Why my sons and I hate the movie "Frozen"**. Kveller, 2014. Disponível em: <<http://www.kveller.com/mayim-bialik-why-my-sons-and-i-hate-the-movie-frozen/>>. Acesso em: 2015-01-20.

BIANCHINI, Lia R. **Frozen, uma pequena vitória do feminismo**. Obvious, 2014. Disponível em: <[http://lounge.obviousmag.org/toda\\_prosa/2014/04/fronzen-uma-pequena-vitoria-do-feminismo.html](http://lounge.obviousmag.org/toda_prosa/2014/04/fronzen-uma-pequena-vitoria-do-feminismo.html)>. Acesso em: 2015-02-01.

BOOKER, Keith. **Disney, Pixar and the hidden messages of children's films**. California: ABC-CLIO, 2010.

BOX OFFICE MOJO. **Frozen**. IMDB Company. Disponível em: <<http://boxofficemojo.com/movies/?id=frozen2013.htm>>. Acesso em: 2015-01-10.

BRANCA DE NEVE E OS SETE ANÕES (Snow White and the Seven Dwarfs). Direção: David Hand, William Cottrell, Wilfred Jackson, Larry Morey, Perce Pearce e Ben Sharpsteen. Produção: Walt Disney. Estados Unidos: Walt Disney, 1937. DVD 83 min. Son. Color.

CHAPMAN, Brenda. **Stand Up for Yourself, and Mentor Others**. New York Times, 2012. Disponível em: <http://www.nytimes.com/roomfordebate/2012/08/14/how-can-women-gain-influence-in-hollywood/stand-up-for-yourself-and-mentor-others>>. Acesso em: 2015-01-24.

CINDERELA (Cinderella). Direção: Clyde Geronimi, Hamilton Luske e Wilfred Jackson. Produção: Walt Disney. Estados Unidos: Walt Disney, 1950. DVD 75 min. Son. Color.

COCA, Andreea. **A Reflection on the Development of Gender Construction in Classic Disney Films**. Amsterdam Social Science, 2000. Disponível em: <[http://www.socialscience.nl/SocialScience/application/upload/files/Vol3\\_Is1\\_02Coca.pdf](http://www.socialscience.nl/SocialScience/application/upload/files/Vol3_Is1_02Coca.pdf)> Acesso em: 2014-12-10.

COLMAN, Dani. **The problem with false feminism (or why "Frozen" left me cold)**. Disponível em: <<https://medium.com/@directordanic/the-problem-with-false-feminism-7c0bbc7252ef>>. Acesso em 2014-12-10

DUNDES, Lauren. **Disney's modern heroine Pocahontas: revealing age-old gender stereotypes and role discontinuity under a façade of liberation**. The Social Science Journal, 2001, vol. 38, p. 353-365. Disponível em: <<http://www2.hvrsd.org/staff/jneumann/Lists/Calendar/Attachments/55/Native%20American%20W omen%20Stereotypes%20Article.pdf>>. Acesso em: 2015-02-10.

ENROLADOS (Tangled). Direção: Nathan Greno e Byron Howard. Produção: Roy Conli, John Lasseter e Glen Keane. Estados Unidos: Walt Disney, 2010. DVD 100 min. Son. Color.

FROZEN. Direção: Chris Buck e Jennifer Lee. Produção: Peter Del Vecho. Estados Unidos: Walt Disney, 2013. DVD 102 min. Son. Color.

GIROUX, Henry. Os filmes da Disney são bons para seus filhos? In: STEINBERG, Shirley R; KINCHELOE, Joe L. In: (Orgs). **A construção corporativa da infância**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001. (p. 87-108)

KELLNER, Douglas. **A Cultura da mídia – estudos culturais: Identidade e política entre o moderno e o pós-moderno** (tradução: Ivone Castilho Benedetti). São Paulo: EDUSC, 2001.

MULAN. Direção: Tony Bancroft e Barry Cook. Produção: Pam Coats. Estados Unidos: Walt Disney, 1998. DVD 88 min. Son. Color.

PACHÁ, Paulo. **"Ah Papai! Não viva no passado! Esse é o século XIV": O que as Princesas Disney têm a nos ensinar sobre historicidade?** 2013. Disponível em: <<https://capitalismoedesencanto.wordpress.com/2013/08/26/ah-papai-nao-viva-no-passado-esse-e-o-seculo-xiv-o-que-as-princesas-disney-tem-a-nos-ensinar-sobre-historicidade/>>. Acesso em: 2015-01-15.

\_\_\_\_\_. **"Vivendo felizes para sempre!": Transformações e continuidades nas "novas" Princesas Disney.** 2014. Disponível em: <<https://capitalismoedesencanto.wordpress.com/2014/02/03/vivendo-felizes-para-sempre-transformacoes-e-continuidades-nas-novas-princesas-disney/>>. Acesso em: 2015-01-15.

POCAHONTAS. Direção: Mike Gabriel e Eric Goldberg. Produção: James Pentecost. Estados Unidos: Walt Disney, 1995. DVD 81 min. Son. Color.

SMITH, Anna. **Frozen in time: when will Disney's heroines reflect real body shapes?** The Guardian, Film Blog, 2013. Disponível em: <<http://www.theguardian.com/film/filmblog/2013/nov/28/frozen-disney-female-body-image>>. Acesso em: 2014-07-31.

TOWBIN, Mia et al. **Images of Gender, Race, Age, and Sexual Orientation in Disney Feature-Length Animated Films.** Journal of Feminist Family Therapy, 2004, vol. 15(4), p. 19-44. Disponível em: <[http://dx.doi.org/10.1300/J086v15n04\\_02](http://dx.doi.org/10.1300/J086v15n04_02)>. Acesso em: 2015-02-02.

VALENTE (Brave). Direção: Mark Andrews e Brenda Chapman. Produção: Katherine Sarafian. Estados Unidos: Walt Disney/Pixar Animation Studios, 2012. DVD 93 min. Son. Color.